



O permear da sociedade: mulheres prostitutas e suas multi-funções sociais. Uma pesquisa fotográfica, teórica e artística.

Palavras-Chave: PROSTITUIÇÃO, COLAGEM, FOTOGRAFIA, CAMPINAS

Autores(as):

VANDORA NESTOR BONFIM, IA – UNICAMP

Prof.^a Dr.^a SELMA MACHADO SIMÃO (orientadora), IA - UNICAMP

INTRODUÇÃO

A prostituição é considerada a profissão mais antiga do mundo, citada na bíblia como o ofício da Maria Madalena. Atualmente compreendido como uma função ligada a facilidade de trabalho. Ademais, o termo “vida fácil”, muitas vezes empregado para descrever esse labor, vai em total oposição a vida de milhares de mulheres - sem excluir mulheres trans e travestis - que ocupam ruas, esquinas e becos em busca de sustento e uma vida digna.

No entender de Garaizabal (2004), as prostitutas que trabalham nas ruas são as mais estigmatizadas, uma vez que o facto de ocuparem de forma visível o espaço público impede que sejam ignoradas, incomodando a “sociedade”. A prostituição é vista como algo que degrada o bairro, trazendo violência e perversão. (Cordeiro, 2012)

E são criados, a partir desses estigmas, os preconceitos que essas mulheres enfrentam em diversos âmbitos sociais. Patrício Vieira de Albuquerque reflete em seu texto *Entre Santas e Putas: Reflexões sobre a Prostituição de Mulheres* (2016) que exercer essa profissão pode vir a apagar outros papéis sociais como a maternidade e o casamento. Outro ponto comum a essas mulheres está ligado à alta vulnerabilidade social. Especialmente em Campinas podemos citar a criação de ambientes à margem da cidade, como é o caso do bairro Jardim Itatinga, sendo o maior bairro de prostituição da América Latina partindo da mesma visão de degradação da cidade ou do bairro (Cordeiro, 2012).

Elane Abreu (2015) traz em sua pesquisa “figuras-chaves” que compõem um ambiente urbano - a cidade -, uma delas é a prostituta. Diversos artistas-fotógrafos utilizam do corpo humano para revelar sentimentos, críticas e na pesquisa Abreu (2015) traz o termo “carnalidade” como relação do corpo vivo e íntegro e também pelo corpo corroído, calamitoso e mortificado. Carnal também é um termo cujo significado está intrinsecamente próximo ao corpo feminino e ainda mais ao de trabalhadoras do sexo, pois segundo o dicionário Michaelis tem como significado “próprio do instinto sexual; sensual, lascivo”.

A série documental da ativista e fotógrafa Olympia Lólo “*Entrevista a Mães de Trabalhadoras Sexuais, 1º Capítulo, Minha Mãe*” (2020) é um trabalho audiovisual e fotográfico inovador que demonstra as lutas, a vida pessoal dessas mulheres e o estigma das trabalhadoras do sexo, além do apoio familiar exercido por sua mãe.

A artista produz em um dos anos de pandemia uma série fotográfica nomeada “*Futuro do Presente, Presente do Futuro #26*” que retrata mulheres, trabalhadoras do sexo, em um ano que isolamento e distanciamento regiam a sociedade, sendo que estas mulheres retratadas na obra necessitavam do contato para trabalhar e do dinheiro para sobreviver visto que

“Se mercantilizar o corpo é uma forma opcional de sobrevivência, as prostitutas devem protestar contra a hipocrisia do Estado e da sociedade em geral numa voz política que reivindica a solidariedade das instituições responsáveis pelo trabalho, buscando o fim do assédio sexista, racista e colonialista contra aquelas que se encontram fora da margem social. Nesse caso, uma das maneiras de fazer as prostitutas voltarem ao centro é garantir a elas o acesso aos direitos cívicos e humanos.”(De Albuquerque, 2016)

A fim de fazer jus ao trecho anterior a série fotográfica realizada durante a pandemia demonstra exatamente essa luta de direitos.



Fotografias do projeto “*Futuro do Presente, Presente do Futuro #26*” - Olympia Lólo

METODOLOGIA

O estudo é de natureza qualitativa, sendo que para esta pesquisa de cunho artístico foi realizado um levantamento bibliográfico de publicações diversas buscadas nas ferramentas de pesquisa Google Acadêmico e Scielo com as palavras-chaves "prostituição em Campinas" e "mulheres prostitutas" para a fundamentação teórica do trabalho, além da interpretação dos conteúdos e discussão para a realização da parte poética da pesquisa. O local da realização da pesquisa foi a Região Central da cidade de Campinas, com recorte específico no entorno da Praça Nove de Julho, que está localizado ao lado da linha ferroviária, onde há bares e prostíbulos em funcionamento. A pesquisa explora a concentração de profissionais do sexo de autodeclaração e/ou gênero feminino bem como os próprios espaços como os bares, hotéis e casas.

O processo da pesquisa foi realizado de maneira não linear e buscando a criação de imagens realizadas pela própria pesquisadora sobre o centro de Campinas desde o início do ano de 2022, resultando nas fotografias e colagens realizadas até o presente momento da pesquisa, observando e registrando impressões visuais, mudanças físicas, espaciais e os indivíduos que nela residem, trabalham além dos transeuntes.

Para desenvolvimento da pesquisa poética foram realizadas novas fotografias do local, em momentos cotidianos, a fim de entender a construção do ambiente (paisagem, pessoa e objeto) e buscar conectá-los com o entendimento de questões estéticas como forma, cor e contraste. Em um segundo

momento, foram extraídas dessas imagens fotográficas uma variação abstrata ou pictórica para produzir colagens tradicionais (abstratas ou não). Assim, o processo foi calcado na apreensão imagética e na subjetividade da pesquisadora, ressaltando a capacidade interpretativa, sendo todos estes fatores embasados nas leituras bibliográficas e no repertório necessário para o desenvolvimento de um trabalho consistente pautado nas características visuais presentes no ambiente do centro de Campinas. As impressões visuais foram baseadas, principalmente, nas leituras realizadas dos textos “Preta, Pobre e Puta”: a segregação urbana da prostituição em Campinas – Jardim Itatinga” (Helene, 2015) e Putafeminista (Prada, 2018).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A tese realizada pela pesquisadora Diana Helene Campos (2015) revela através do olhar da Arquitetura o bairro Itatinga, um local que está distante do centro da cidade, mas que possui enorme correlação com a faixa central, objeto principal da pesquisa, pois além de demonstrar as flexões entre os dois espaços, dá luz às lutas que essas trabalhadoras do sexo travam com a própria sociedade na cidade de Campinas.

Ao longo da sua tese, Helene (2015) cita a “Boca do Lixo”, expressão comumente utilizada na cidade para denominar o local onde estão localizados os bares e hotéis onde as prostitutas centrais exercem sua profissão. Ainda em seu texto ela descreve a aparência dessas mulheres, a priori da seguinte maneira: “À primeira vista, a maioria dessas prostitutas passariam como mulheres “comuns”: mães, domésticas, senhoras fazendo compras no centro da cidade.” (Helene, 2015, pg. 42). Essa descrição demonstra uma diferenciação entre “mulheres comuns” e “mulheres prostitutas” aludindo, principalmente, ao modo de vestir, mas podemos levantar, também, as variações etárias existentes nessa profissão. Esse ponto é levantado aqui, pois o ambiente do Jardim Itatinga traz uma diferenciação clara no modo de vestir entre as trabalhadoras sexuais centrais e as que permanecem no bairro pesquisado por ela.

O trecho também é de grande importância para o levantamento imagético da pesquisa, pois serve como apoio descritivo, de idade e vestimenta, para a produção artística. Assim, as mulheres retratadas nas fotografias e nas colagens possuem, a partir do levantamento bibliográfico, uma camada crítica que procura provocar o questionamento de quem poderia ser ou não uma profissional do sexo.

As “multifunções sociais” que trago aqui incluem situações de vida cotidianas e exercícios comuns à vida de uma mulher, como ser mãe, esposa, tia, filha, avó, sobrinha, estudante, graduada, pós-graduada, provedora do lar, analfabeta, assalariada entre outras. Essas funções se fazem presentes na vida de mulheres profissionais do sexo, tanto quanto existem na vida das mulheres que não são profissionais do sexo. Em seu livro autobiográfico *Putafeminista* (Prada, 2018) busca aproximar esse debate com o público, de maneira direta ao falar sobre prostituição e sobre feminismo, delineando a luta da categoria e defendendo seus direitos.

Em reportagem para a Carta Capital (2020) escrita por Lisandra Cristina Lopes é apresentado uma série de problemas sociais que atravessam essas trabalhadoras. Questões de raça e classe que são amplamente discutidas em artigos, contudo existem outros pontos de igual relevância social que são menos abordados como: “feminização da pobreza, sustento de famílias, sexismo, violência real e simbólica, tráfico de pessoas, exploração sexual de crianças e adolescentes”. Ela ainda apresenta outras significantes informações como o fato de existirem prostitutas idosas que ainda exercem o serviço, por não possuírem as seguridades da contribuição previdenciária (aposentadoria).

No âmbito legal, o Brasil adota o sistema abolicionista para a prostituição, logo, “o código penal não criminaliza o exercício da atividade, mas pune todos os demais envolvidos na cadeia da prostituição,

à exceção dos clientes”. Contudo, isso não acontece de fato, tornando esse aspecto da atividade mais velado e informal do que seria se de fato fosse regulamentado. Levantando, ainda, que existe um impasse ao olhar do feminismo, que considera o trabalho sexual como opressão à corpos feminilizados.



Figura 1. Fotografia do início da Rua Saldanha Marinho representando os bares e espaços de prostituição à noite. Retirada por: Vandora Bonfim, 2023.

Figura 2 . Colagem realizada para a pesquisa. Retrata a esquina das ruas Ferreira Penteado e Saldanha Marinho, local onde profissionais do sexo fazem seus “pontos”.



Figura 3. Fotografia de um bar localizado no alto da Rua Ferreira Penteado em Campinas, com uma cadeira de bar para fora. Retirada por: Vandora Bonfim, 2022.

CONCLUSÕES

A pesquisa possibilitou o entendimento da categoria, o entendimento do Estado em relação aos conflitos de direitos dessas profissionais e suas diferentes participações na sociedade.

É de extrema importância estudar a parcela de indivíduos que são marginalizados na sociedade, sendo assim é de interesse social e artístico realizar um estudo no qual mulheres profissionais do sexo sejam compreendidas como cidadãs, integradas à sociedade, ouvidas e vistas além de sua ocupação profissional. A porção central da cidade de Campinas onde está situada o segundo maior núcleo de

prostituição da cidade, sendo o primeiro o Jardim Itatinga, conhecido como o “maior prostíbulo a céu aberto da América Latina”, conflita com transeuntes as implicações de vestimenta, comportamento e até mesmo a presença de edifícios residenciais, no qual habitam diversas famílias.

As multifunções sociais exercidas por mulheres profissionais do sexo são devidamente expostas e debatidas entre pesquisadoras que se aproximam do local de trabalho onde estão inseridas essas pessoas ou que experienciam essa ocupação.

Dentre as publicações levantadas, grande parte possuía metodologia de estudo de campo, utilizando entrevistas diretas para compreender a percepção que essas mulheres possuem de suas próprias vidas e os estigmas presentes no fazer da profissão perante a sociedade. Além disso, muitas das entrevistadas se declararam filhas, mães e esposas, assim como “dona do lar” ou estudantes de ensino superior.

Podemos concluir que as variadas personas, as quais compreendem todos os indivíduos presentes numa sociedade, se aplicam a essas mulheres e que o estigma presente e na ocupação de profissional do sexo invisibiliza a outras funções exercidas por elas, logo a pesquisa se faz necessária para representar de uma maneira mais sensível, visual e artística esses âmbitos pouco lembrados, mas com um recorte bem específico na cidade de Campinas.

Por fim, há uma série de fatores a serem considerados tanto para uma compreensão social quanto para uma produção artística. A consideração de “feminilidade” que existe na prostituição, ou seja, pensar quem são essas mulheres, muitas podem ser ex-presidiárias, moradoras de rua, travestis, pessoas que são duplamente invisibilizadas e que a própria sociedade se encarrega de promover uma exclusão social e empregatícia. A marginalização de travestis, o estigma que essa profissão carrega, os fatores sociais como o racismo e a pobreza. A dificuldade de reconhecimento da humanidade dessas mulheres profissionais do sexo enquanto exercem a função de putas e quando não as exercem, forçando-as a praticar a profissão em segredo por medo de julgamento.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Elane. Achados da rua: corpo, cidade e fotografia. **Trama: indústria criativa em revista ISSN 2447-7516**, v. 1, n. 1, 2015.

AGÊNCIA BRASIL. CÂMARA TRAVA PROJETO QUE REGULAMENTA ATIVIDADE DE PROFISSIONAIS DO SEXO. Congresso em Foco, 2016. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/projeto-bula/reportagem/camara-trava-projeto-que-regulamenta-atividade-de-profissionais-do-sexo/>

CORDEIRO, Sara Patrícia Tomé da Silva. **Prostituição feminina de rua: escutar e atuar: papel do técnico d’O Ninho na intervenção com mulheres prostitutas**. 2012. Tese de Doutorado.

HELENE. **Prostituição e segregação espacial: A relação entre a criação do bairro Jardim Itatinga e a prostituição no centro da cidade de Campinas**. In: Estado e Lutas Sociais: Intervenções e Disputas no Território. Curitiba : Kairós, 2010, p. 215-231, 2008.

HELENE, Diana. **“PRETA, POBRE E PUTA”**: a segregação urbana da prostituição em Campinas – Jardim Itatinga. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Rio de Janeiro, 2015.

PRADA, Monique. **Putafeminista**. São Paulo: Veneta, 2018

VIEIRA, Patricio De Albuquerque. **Entre santas e putas: reflexões sobre a prostituição de mulheres**. Anais II CINTEDI... Campina Grande: Realize Editora, 2016.